

Uma Noiva para Winterborne

OS RAVENELS 2

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO

CAPÍTULO 1

— **S**r. Winterborne, há uma mulher aqui para vê-lo.

Rhys ergueu os olhos da pilha de cartas na escrivaninha, carrancudo.

Sua secretária, a Sra. Fernsby, estava parada à porta do escritório particular dele, os olhos inquisidores atrás dos óculos redondos. Era uma mulher de meia-idade asseada, mexeriqueira e um pouco roliça.

— A senhora sabe que não recebo visitas a esta hora.

Era um ritual de Rhys passar a primeira meia hora da manhã lendo a correspondência em silêncio, sem interrupções.

— Sim, senhor, mas a visita é uma dama e ela...

— Não me importa se ela é a maldita rainha — retrucou ele com rispidez.

— Mande-a embora.

A Sra. Fernsby contraiu os lábios em uma expressão desaprovadora. Porém saiu na mesma hora, os saltos dos sapatos acertando o chão como os disparos ritmados de uma arma de fogo.

Rhys voltou a atenção para a carta à sua frente. Perder a paciência era um luxo que ele raramente se permitia, mas na última semana fora invadido por uma melancolia que pesava em seus pensamentos e seu coração e o levava a descontar em qualquer um que estivesse por perto.

Tudo por causa de uma mulher que ele soubera muito bem que não deveria querer.

Lady Helen Ravenel... uma mulher instruída, inocente, tímida, aristocrática. Tudo o que ele não era.

O noivado dos dois durara meras duas semanas até Rhys conseguir arruiná-lo. Na última vez em que vira Helen, ele tinha sido impaciente e agressivo e, no fim, a beijara do jeito que vinha desejando havia tanto tempo. Helen ficara rígida em seus braços, rejeitando-o. O desprezo da jovem não poderia ter sido mais óbvio. A cena terminara em lágrimas da parte dela e fúria da dele.

No dia seguinte, Kathleen, lady Trenear, que fora casada com o finado irmão de Helen, aparecera para informar que a cunhada ficara tão perturbada que estava de cama com enxaqueca. “Ela nunca mais quer vê-lo”, dissera Kathleen, sem meias palavras.

Rhys não poderia culpar Helen por romper o noivado. O relacionamento deles obviamente era um equívoco. Era contra os desígnios de Deus que ele tomasse como esposa a filha de uma família aristocrática inglesa. Apesar de sua fortuna, Rhys não tinha o comportamento nem a instrução de um cavalheiro. Também não possuía a aparência de um cavalheiro, com sua pele morena, os cabelos negros e os músculos de trabalhador braçal.

Aos 30 anos, ele transformara a Winterborne's, o pequeno estabelecimento comercial do pai na High Street, na maior loja de departamentos do mundo. Era proprietário de fábricas, depósitos, terrenos, estábulos, lavanderia e prédios residenciais. Fazia parte de conselhos diretores de empresas navais e ferroviárias. Porém, não importava o que ele conquistasse, nunca conseguiria superar o fato de ser filho de um comerciante galês.

Os pensamentos de Rhys foram interrompidos por outra batida à porta. Incrédulo, ele ergueu os olhos enquanto a Sra. Fernsby voltava a entrar no escritório.

– O que a senhora quer? – perguntou ele, irritado.

A secretária endireitou os óculos e respondeu em um tom determinado:

– A menos que o senhor deseje que a dama seja removida à força, ela insiste em esperar até que fale com ela.

A irritação de Rhys se transformou em perplexidade. Nenhuma mulher que ele conhecia, respeitável ou não, ousaria abordá-lo de forma tão ousada.

– Qual o nome dela?

– Ela não disse.

Rhys balançou a cabeça, incrédulo. Como a visitante conseguira chegar ali? Ele pagava um pequeno exército para não ter que lidar com aquele tipo de interrupção. Uma ideia absurda lhe ocorreu e, embora Rhys tentasse afastá-la, sua pulsação acelerou.

– Como ela é? – forçou-se a perguntar.

– Está vestida com roupas de luto, com um véu sobre o rosto. É muito esguia e fala baixo – descreveu a secretária e, depois de uma breve hesitação, acrescentou com ironia: – O modo de falar dos aristocratas.

Ao sentir que sua desconfiança se confirmava, Rhys sentiu uma pontada no peito.

– *Yr Dduw!* – murmurou. *Deus!*

Não parecia possível que Helen fosse até ele. Mas por algum motivo ele

compreendeu que ela estava ali, tinha certeza disso. Sem nem mais uma palavra, Rhys se levantou e passou pela Sra. Fernsby a passadas largas.

– Sr. Winterborne – disse a secretária, que ia atrás dele. – O senhor está em mangas de camisa. Seu paletó...

Rhys mal a escutou enquanto deixava o escritório, em um dos cantos da construção e entrava em um saguão com poltronas de couro.

Com a respiração acelerada, ele estacou ao ver a visitante.

Embora o véu de luto ocultasse o rosto de Helen, Rhys reconheceu a postura perfeita e a forma esbelta e flexível de seu corpo.

Ele se forçou a chegar mais perto. Incapaz de dizer qualquer coisa, ficou parado na frente de Helen, quase engasgando de ressentimento e, ainda assim, inspirando seu perfume doce com uma avidez impotente.

A presença dela o deixou excitado, a pele quente e o coração batendo rápido, com violência.

De uma das salas anexas ao saguão, o ruído das máquinas de escrever silenciou.

Era uma loucura Helen aparecer ali sem acompanhante. A reputação dela seria destruída. Precisava ser retirada do saguão e mandada para casa antes que alguém se desse conta de quem era ela.

Contudo, primeiro ele precisava descobrir o que Helen queria. Embora fosse protegida e inocente, não era tola. Não teria corrido um risco tão grande sem um bom motivo.

Rhys desviou o olhar para a Sra. Fernsby por um instante.

– Minha convidada vai partir logo. Nesse meio-tempo, certifique-se de que não sejamos perturbados.

– Sim, senhor.

O olhar dele se voltou para Helen.

– Venha – disse em um tom brusco, dirigindo-se ao escritório.

Ela o acompanhou sem dizer uma palavra, as saias farfalhando ao roçar as paredes do corredor. As roupas de Helen eram antiquadas e ligeiramente gastas, a aparência da aristocracia em tempos difíceis. Era por isso que ela estava ali? A necessidade de dinheiro da família Ravenel seria assim tão desesperadora a ponto de ela ter mudado de ideia a respeito de se rebaixar e se tornar esposa dele?

Por Deus, pensou Rhys em uma expectativa sombria, como *adoraria vê-la implorando para que ele a aceitasse de volta. Não aceitaria, claro, mas daria*

a ela uma amostra do tormento que ele mesmo suportara ao longo da última semana. Qualquer um que já houvesse ousado cruzar o caminho dele teria garantido a ela que não haveria perdão ou clemência depois do que fizera.

Entraram no escritório de Rhys, um lugar amplo e silencioso com grandes janelas de vidros duplos e tapetes espessos e macios. No centro da sala, correspondência e documentos se empilhavam em uma escrivaninha de nogueira.

Rhys fechou a porta do escritório, foi até a escrivaninha, pegou uma amпуlheta e virou-a em um gesto estudado. A areia escorreria para o compartimento de baixo em precisamente quinze minutos. Ele sentia a necessidade de deixar claro que estavam no mundo dele agora, onde o tempo importava e o controle estava em suas mãos.

Rhys se virou para Helen com um erguer zombeteiro das sobrancelhas.

– Fui informado na semana passada de que a senhorita...

Porém a voz dele falhou quando Helen tirou o véu do rosto e o encarou com a gravidade suave e paciente que o havia devastado desde o princípio. Seus olhos tinham o azul-acinzentado das nuvens ao luar. Os belos cachos dela, do mais pálido tom de louro, estavam presos em um coque elegante, mas uma mecha sedosa havia escapado dos prendedores negros e pendia sobre a orelha esquerda.

Maldita fosse ela, *maldita* fosse, por ser tão linda.

– Por favor, perdoe-me – pediu Helen, o olhar preso ao dele. – Esta foi a primeira oportunidade que encontrei de vir até o senhor.

– A senhorita não deveria estar aqui.

– Há coisas que preciso conversar com o senhor – disse ela, lançando um olhar tímido para uma cadeira próxima. – Se não se importar...

– Sim, sente-se.

Mas Rhys não fez nenhum gesto para ajudá-la. Já que Helen nunca o veria como um cavalheiro, ele não agiria como um. Ficou apoiado na escrivaninha, nem inteiramente sentado nem de pé, os braços cruzados diante do peito.

– A senhorita não tem muito tempo – falou, em um tom frio, indicando a amпуlheta com um gesto curto de cabeça. – É melhor fazer bom uso dele.

Helen se sentou, arrumou as saias e retirou as luvas com puxões ágeis.

Rhys sentiu a boca ficar seca ao ver os dedos delicados dela emergirem das luvas negras. Helen havia tocado piano para ele no Priorado Eversby,

a propriedade da família dela. Rhys ficara fascinado com a habilidade de suas mãos, que pulavam e pressionavam as teclas do piano como pequenos pássaros brancos. Por alguma razão, ela ainda usava o anel de noivado que ele lhe dera. O perfeito diamante de lapidação rosa ficou preso por um instante na luva.

Depois de empurrar o véu para trás, de modo que ele caísse nas costas como uma nuvem escura de tecido, Helen ousou permitir que o olhar encontrasse novamente o dele por um instante tenso. Um rubor delicado coloriu seu rosto.

– Sr. Winterborne, não pedi que minha cunhada o visitasse na semana passada. Eu não estava me sentindo bem, mas se houvesse sido informada do que Kathleen pretendia...

– Ela disse que a senhorita estava doente.

– Era só uma dor de cabeça...

– Parece que eu fui a causa.

– Kathleen deu importância de mais ao fato...

– De acordo com ela, a senhorita disse que nunca mais queria me ver.

O rubor leve se transformou em um tom de rosa intenso.

– Gostaria que ela não houvesse repetido isso – exclamou Helen, parecendo exasperada e envergonhada. – Não foi o que eu quis dizer. Minha cabeça estava me matando, enquanto eu tentava compreender o que havia acontecido no dia anterior. Quando o senhor me visitou e...

Ela desviou o olhar e encarou o próprio colo, a luz da janela refletindo-se em seus cabelos. Os dedos dela estavam entrelaçados com força, as palmas ligeiramente afastadas, como se segurasse algo frágil entre elas.

– Preciso conversar com o senhor sobre isso – disse baixinho. – Quero muito... chegar a um entendimento com o senhor.

Algo dentro de Rhys morreu. Já havia sido abordado por tantas pessoas devido a questões de dinheiro que reconheceu o que estava prestes a acontecer. Helen não era diferente de nenhum outro que pretendia conseguir alguma vantagem para si. Embora ele não pudesse culpá-la por isso, não conseguiria suportar ouvir qualquer conclusão a que ela houvesse chegado de quanto ele lhe devia e por quê. Rhys preferia pagar a ela imediatamente e acabar logo com aquilo.

Só Deus sabia por que nutria esperanças, tão pequenas e tolas, de que Helen pudesse querer algo dele além de dinheiro. Era assim que o mun-

do sempre funcionara e sempre funcionaria. Os homens buscavam belas mulheres e as mulheres negociavam sua beleza em troca de riquezas. Ele havia degradado Helen ao encostar as patas nela, e ela agora queria uma compensação.

Rhys contornou a escrivaninha, abriu uma gaveta e tirou um talão de cheques. Pegou, então, uma caneta e preencheu uma ordem de pagamento de 10 mil libras. Depois de fazer uma anotação na margem esquerda do talão para seu controle, foi até Helen e lhe entregou o papel.

– Não há necessidade de que ninguém saiba de onde isto veio – disse Rhys em um tom profissional. – Se a senhorita não tiver uma conta no banco, cuidarei para que seja aberta.

Nenhum banco permitiria que uma mulher abrisse uma conta para si.

– Prometo que tudo será feito da forma mais discreta possível – concluiu ele.

Helen o encarou perplexa, então olhou para o cheque.

– Por que o senhor faria...

Ela prendeu a respiração ao ver a quantia. E voltou a encará-lo com uma expressão horrorizada.

– *Por quê?* – perguntou, a respiração agora saindo em arquejos nervosos.

Confuso com a reação dela, Rhys franziu o cenho.

– A senhorita disse que queria chegar a um entendimento. É o que se entende por essa expressão.

– *Não*, eu quis dizer... quis dizer que queria que nós nos entendêssemos.

Ela rasgou o cheque em minúsculos pedaços.

– Não preciso de dinheiro. E, mesmo se precisasse, jamais pediria ao senhor.

Pedaços de papel voaram pelo ar como flocos de neve.

Rhys observou espantado enquanto ela desprezava a pequena fortuna que ele acabara de lhe oferecer. Ele se pegou sentindo um misto de frustração e vergonha ao perceber que a interpretara mal. Que diabo aquela jovem queria dele? Por que estava ali?

Helen respirou fundo uma vez, e outra, recuperando devagar a compostura. Então, se levantou e se aproximou dele.

– Houve um... acréscimo inesperado... às posses da família. Agora temos meios de garantir dotes para mim e para as minhas irmãs.

Rhys a encarou, o rosto uma máscara rígida, enquanto seu cérebro se esforçava para compreender o que ela dizia. Helen se aproximara demais.

Seu perfume suave, de baunilha e orquídeas, o invadia a cada inspiração. Ele sentia o corpo arder. Queria deitá-la em cima da escrivaninha...

Rhys afastou essa imagem com esforço. Ali, no cenário profissional do escritório, vestido em roupas civilizadas e sapatos sociais bem engraxados, nunca se sentira mais bruto. Desesperado para estabelecer alguma distância entre eles, Rhys recuou até a escrivaninha e se apoiou de novo nela, enquanto Helen continuou a se aproximar, até sua saia roçar nos joelhos dele.

Era como se ela fosse um personagem de conto de fadas galês, uma ninfa formada pela bruma de um lago. Havia algo sobrenatural na delicadeza da pele de porcelana e no belo contraste entre as sobrancelhas e os cílios escuros e os cabelos louro-platinados. E aqueles olhos... a transparência fria contida por bordas escuras.

Ela dissera algo sobre um acréscimo inesperado. O que significaria aquilo? Uma herança inesperada? Um presente? Talvez um investimento lucrativo – embora isso fosse improvável, levando-se em conta a conhecida irresponsabilidade fiscal da família Ravenel. Qualquer que fosse a origem de tal fortuna repentina, Helen parecia acreditar que os problemas financeiros da família haviam terminado. Se isso fosse verdade, então ela poderia escolher o homem que quisesse em Londres.

Helen colocara o próprio futuro em risco indo até ele. A reputação dela estava em perigo. Ele poderia tê-la violado ali mesmo, no escritório, e ninguém teria levantado um dedo sequer para ajudá-la. A única coisa que a mantinha segura era o fato de que Rhys não tinha a menor vontade de destruir algo tão frágil e adorável quanto aquela mulher.

Para o bem de Helen, ele precisava retirá-la da Winterborne's o mais rápido e discretamente possível. Com esforço, olhou por cima da cabeça dela e fixou os olhos em um ponto distante na parede de painéis de madeira.

– Vou acompanhá-la para fora do prédio por uma saída privada – murmurou Rhys. – A senhorita voltará para casa sem que ninguém a veja.

– Não vou liberá-lo de nosso compromisso de noivado – disse ela em um tom gentil.

Os olhos dele encontraram os dela enquanto outra pontada o atingia no peito. Helen nem piscou, apenas esperou pela resposta dele.

– Milady, ambos sabemos que sou o último homem no mundo com quem deseja se casar. Desde o começo, reparei no seu desprezo por mim.

– Desprezo?

Insultado pela surpresa fingida dela, Rhys continuou, agressivo:

– A senhorita se encolhia ao meu toque. Não falava comigo durante o jantar. Na maior parte do tempo, nem sequer conseguia se forçar a olhar para mim. E, quando eu a beijei, na semana passada, se afastou de mim e desabou em lágrimas.

Ele imaginou que Helen ficaria envergonhada ao se ver confrontada com sua mentira. Em vez disso, ela o encarou com uma expressão séria, de lábios entreabertos, parecendo consternada.

– Sou tímida demais – disse Helen por fim. – Preciso me esforçar mais para superar isso. Quando me comporto desse modo, o motivo não tem absolutamente nada a ver com desprezo. A verdade é que o senhor me deixa nervosa. Porque... – Um profundo rubor coloriu sua pele, da gola alta do vestido até a raiz dos cabelos. –... porque o senhor é muito atraente – continuou ela, desajeitadamente. – E experiente. E não quero que me ache tola. Quanto ao outro dia, aquele... aquele foi meu primeiro beijo. Eu não sabia o que fazer e me senti... agoniada.

Em algum lugar no caos que era a sua mente naquele momento, Rhys pensou que era bom estar apoiado na escrivãzinha. Caso contrário, as pernas dele teriam cedido. Seria possível que o que ele interpretara como desdém na verdade fosse timidez? Que o que ele achara ser desprezo fosse inocência? Naquele momento, foi como se o coração de Rhys se abrisse. Com que facilidade Helen o desarmava! Umass poucas palavras, e já estava pronto a cair de joelhos diante dela.

O primeiro beijo de Helen, e ele o roubara.

Nunca tinha havido necessidade de fazer o papel do sedutor. As mulheres sempre estiveram disponíveis para ele e pareciam satisfeitas com o que quer que ele se dispusesse a fazer na cama. Houvera damas de vez em quando: a esposa de um diplomata, uma condessa cujo marido estava em viagem ao continente. Elas o elogiaram por seu vigor, sua virilidade e pelo tamanho de seu membro, e não haviam pedido mais nada.

Tanto o corpo quanto a natureza de Rhys eram tão rígidos quanto as encostas de ardósia de Elidir Fawr, a montanha em Llanberis onde ele nascera. Rhys não sabia nada sobre modos elegantes ou boa criação. Havia calos permanentes em suas mãos, dos anos que passara montando caixotes e carregando mercadorias até as carroças de entrega. Tinha pelo menos o dobro do peso de Helen, e era musculoso como um touro – se

montasse nela como havia feito com outras mulheres, poderia rasgá-la ao meio.

Maldição. Antes de mais nada, o que lhe passara pela cabeça para chegar àquele ponto? Nunca deveria ter se permitido considerar a ideia de se casar com ela. Estivera cego demais pela própria ambição – e pela doçura e beleza delicada de Helen –, e não chegara a pensar nas consequências para ela.

Ficou amargurado ao tomar consciência das próprias limitações.

– Isso são águas passadas – disse Rhys em voz baixa. – Logo a senhorita participará de sua primeira temporada social e encontrará o homem certo. Qualquer um sabe que não sou eu.

Ele começou a se levantar, mas Helen se aproximou ainda mais e ficou bem perto dele. A pressão hesitante da mão dela em seu peito provocou uma onda ardente de desejo. Rhys se apoiou mais na mesa, sentindo-se fraco, toda a energia concentrada em manter o pouco que lhe restava de autocontrole. Estava a um assustador milímetro de puxá-la para o chão com ele. E devorá-la.

– Pode... pode me beijar de novo? – pediu Helen.

Ele fechou os olhos com força, arfando, furioso. Que peça o Destino lhe pregara, jogando aquela criatura frágil em seu caminho para puni-lo por ter subido mais alto do que deveria. Para lembrá-lo do que ele nunca poderia se tornar.

– Não consigo ser um cavalheiro – declarou Rhys, a voz rouca. – Nem mesmo por você.

– Não precisa ser um cavalheiro. Só gentil.

Ninguém nunca lhe pedira uma coisa daquelas. Para desespero de Rhys, ele percebeu que não conseguiria ser assim. Suas mãos agarraram com força a beira da escrivaninha até a madeira ameaçar se partir.

– *Cariad...* não há nada gentil na forma como deseja você.

Ele ficou surpreso com a ternura na própria voz, um tom que nunca usara com ninguém.

Rhys sentiu Helen tocar seu maxilar, as pontas delicadas dos dedos dela um fogo gelado em sua pele. Todos os seus músculos se contraíram, seu corpo parecia feito de aço.

– Só tente – sussurrou ela. – Por mim.

E pressionou a boca macia contra a dele.

CAPÍTULO 2

Helen roçou timidamente os lábios nos de Rhys, tentando persuadi-lo a uma reação. Mas não houve a menor resposta da parte dele. Nenhum sinal de encorajamento.

Depois de um instante, ela se afastou, insegura.

Rhys arquejava. Ergueu os olhos para encará-la com a expressão feroz de um cão de guarda.

Helen sentiu o estômago doer de desespero e se perguntou o que deveria fazer.

Sabia pouco sobre os homens. Quase nada. Desde a mais tenra infância, ela e as irmãs mais novas, Pandora e Cassandra, haviam vivido reclusas na propriedade da família, no campo. Os criados da casa sempre haviam sido respeitosos e os arrendatários e comerciantes da cidade mantinham uma distância educada das três filhas do conde.

Negligenciada pelos pais e ignorada pelo irmão, Theo, que havia passado a maior parte de sua curta vida em colégios internos ou em Londres, Helen se voltara para os livros e para o mundo da própria imaginação. Seus pretendentes haviam sido personagens da literatura – Romeu, Heathcliff, o Sr. Darcy, Edward Rochester, sir Lancelot, Sydney Carton – e uma variedade de príncipes de cabelos dourados dos contos de fadas.

Ela acreditava que jamais seria cortejada por um homem de verdade, apenas pelos imaginários. Mas, fazia dois meses, Devon, o primo que recentemente herdara o título de Theo, havia convidado o amigo Rhys Winterborne para passar o Natal no Priorado Eversby com a família... e tudo mudara.

A primeira vez que Helen viu o Sr. Winterborne foi no dia em que ele foi levado para a propriedade com a perna quebrada. Em uma sequência terrível de eventos, quando Devon e o Sr. Winterborne viajavam de Londres para Hampshire, o trem deles colidira com vagões de lastro. Por um milagre, os dois haviam sobrevivido ao acidente, mas ambos ficaram feridos.

Como resultado, a breve visita do Sr. Winterborne para as festas de fim de ano acabara se transformando em quase um mês de estadia no Priorado

Eversby, até que ele estivesse suficientemente restabelecido para voltar a Londres. Mesmo ferido, o Sr. Winterborne irradiava uma determinação que Helen achava tão fascinante quando desconfortável. Contra todas as regras do decoro, ela havia ajudado a cuidar dele. Na verdade, insistira nisso. Embora sua atitude tivesse como pretexto a compaixão, esse não tinha sido o único motivo. A verdade era que Helen nunca se sentira tão fascinada por alguém quanto se sentia por aquele estranho grande, de cabelos escuros e sotaque musical.

Conforme sua condição física melhorava, o Sr. Winterborne começara a solicitar a companhia dela, insistindo para que Helen lesse para ele e conversassem por horas. Ninguém jamais havia se interessado tanto por ela.

O Sr. Winterborne era espantosamente belo, não à maneira dos príncipes de contos de fadas, mas com uma masculinidade inflexível que mexia com os nervos de Helen. Os traços do rosto dele eram arrojados, com um nariz bem definido e lábios cheios e delineados. Sua pele não mostrava a palidez da moda, mas um tom moreno, rico e quente, e os cabelos eram negros como carvão. Não havia nada do relaxamento aristocrático nele, nenhum toque de graça lânguida. O Sr. Winterborne era sofisticado e muito inteligente, mas havia algo selvagem nele. Uma sugestão de perigo, um fogo que parecia arder sob a superfície.

Depois que o Sr. Winterborne foi embora de Hampshire, a propriedade caíra no silêncio e no tédio dos dias monótonos. Helen fora assombrada por lembranças dele... a sugestão de encanto sob o verniz duro... o sorriso pouco frequente mas fascinante.

Para consternação dela, o Sr. Winterborne não parecia nem um pouco disposto a aceitá-la de volta. O orgulho dele fora ferido pelo que provavelmente lhe parecera uma rejeição insensível, e Helen ansiava por consolá-lo. Se ao menos pudesse voltar no tempo até o dia em que ele a beijara na Casa Ravenel, lidaria com a situação de forma muito diferente. Mas tinha se sentido tão intimidada por ele... O Sr. Winterborne a beijara, passara as mãos por seu corpo, e ela se assustara, ficara apavorada. Depois de algumas palavras ásperas, ele havia partido. Aquela fora a última vez que Helen o vira até então.

Se ela houvesse experimentado alguns flertes quando era menina – um beijo ou dois roubados por algum rapazinho –, talvez o encontro com o Sr. Winterborne não tivesse sido tão alarmante. Mas Helen não tivera ne-

nhuma experiência daquele tipo. E o Sr. Winterborne não era um menino inocente, mas um homem adulto em seu auge.

A parte mais estranha de tudo aquilo – o segredo que ela não poderia confessar a ninguém – era que, apesar de todo o medo que sentira com o que acontecera, Helen tinha começado a sonhar com o Sr. Winterborne beijando-a, pressionando a boca com muita força contra a dela, noite após noite. Em alguns sonhos, ele começava a abrir o vestido dela, a beijá-la com cada vez mais intensidade e urgência, tudo caminhando na direção de alguma misteriosa conclusão. Helen acordava ofegante, agitada e ruborizada de vergonha.

Ela experimentou as mesmas sensações naquele momento, quando ergueu os olhos para o Sr. Winterborne.

– Mostre-me como quer ser beijado – pediu ela, a voz falhando um pouco. – Ensine-me como agradá-lo.

Para surpresa de Helen, um dos cantos da boca do Sr. Winterborne se curvou em uma expressão divertida e insolente.

– Está querendo se garantir, não é?

Ela o encarou confusa.

– Me garantir...

– Quer me manter fígado – esclareceu ele. – Até ter certeza da fortuna inesperada da família.

Helen se sentiu confusa e magoada pelo desdém no tom dele.

– Por que não consegue acreditar que quero me casar com o senhor por outras razões que não sejam dinheiro?

– A única razão para a senhorita ter me aceitado foi porque não tinha dote.

– Isso não é verdade...

O Sr. Winterborne continuou como se não a tivesse ouvido:

– Precisa se casar com alguém do seu tipo, milady. Um homem bem-nascido e de boas maneiras. Ele vai saber como tratá-la. Ele a manterá em uma casa de campo, onde a senhorita cuidará de orquídeas e lerá livros...

– Isso é o *oposto* do que eu preciso – declarou Helen com irritação.

Não era do feitio dela falar de forma impetuosa, mas estava desesperada demais para se importar. Ele claramente pretendia mandá-la embora. Como poderia convencê-lo de que o queria de verdade?

– Passei a vida inteira lendo sobre a vida que outras pessoas levavam – continuou ela. – Meu mundo sempre foi... muito pequeno. Ninguém acredita que eu estaria melhor se não fosse mantida isolada e protegida.

Como uma flor em uma estufa. Se eu me casar com alguém do meu tipo, como o senhor colocou, ninguém jamais me verá como eu sou. Só como eu deveria ser.

– Por que acha que eu seria diferente?

– Porque o senhor é.

Ele a encarou com uma expressão que Helen comparou ao cintilar da lâmina de uma faca. Fez-se um instante de silêncio estranhamente opressivo.

– Você conheceu poucos homens – falou o Sr. Winterborne de modo brusco. – Vá para casa, Helen. Conhecerá alguém durante a temporada de eventos sociais, então agradecerá a Deus, de joelhos, por não ter se casado comigo.

Helen sentiu os olhos arderem. Como tudo fora arruinado tão depressa? Como podia tê-lo perdido tão rápido?

– Kathleen não deveria ter falado com o senhor em meu nome – disse a jovem, sentindo-se mal fisicamente de arrependimento e tristeza. – Ela achou que estaria me protegendo, mas...

– Ela estava.

– Pois eu não queria ser protegida do senhor.

O esforço exigido para manter a compostura era como tentar correr na areia: ela não conseguia encontrar suporte nos ângulos incertos da emoção. Para piorar sua consternação, sentiu os olhos marejarem e um soluço de choro lhe escapou do peito.

– Fiquei de cama com dor de cabeça por *um dia* – continuou Helen – e, quando acordei na manhã seguinte, nosso noivado estava rompido e eu havia *p-perdido* o senhor e nem sequer...

– Helen, não.

– Achei que havia sido apenas um mal-entendido. Que, se eu conversasse pessoalmente com o senhor, tudo se a-ajetaria, e...

Outro soluço. Helen estava tão dominada pela emoção que teve apenas uma vaga consciência de Rhys se aproximando, estendendo as mãos para ela, mas logo recuando.

– Não. Não chore. Pelo amor de Deus, Helen...

– Não tive a intenção de rejeitá-lo. Não sabia o que fazer. O que faço para que me queira de volta?

Ela esperou por uma resposta zombeteira ou talvez carregada de piedade. A última coisa que imaginaria seria o murmúrio trêmulo que escapou dos lábios dele.

– Eu já quero você, *cariad*. Quero demais, maldição.

Helen o encarou confusa através da névoa de lágrimas, a respiração saindo em soluços humilhantes, como se ela fosse uma criança. No instante seguinte, ele a havia puxado para si.

– Shhh, pare com isso – sussurrou, a voz mais profunda, como o roçar de um veludo escuro contra os ouvidos dela. – Shhh, *bychan*, pequenina, minha pombinha. Nada vale as suas lágrimas.

– O senhor vale.

Winterborne ficou imóvel. Depois de um minuto, ele levou a mão ao queixo dela, o polegar apagando a trilha de uma lágrima. As mangas da camisa dele estavam enroladas na altura dos cotovelos, como faziam os carpinteiros e trabalhadores do campo. Os antebraços eram muito musculosos e peludos; os pulsos, grossos. Havia algo surpreendentemente reconfortante em ser envolvida naquele abraço firme. Um aroma seco e agradável se desprendia do corpo dele, uma mistura intensa de linho engomado, pele masculina limpa e sabão de barbear.

Helen sentiu o Sr. Winterborne inclinar o rosto dela para cima com muito cuidado. O hálito dele chegava ao rosto dela com um aroma de menta. Ao perceber o que ele pretendia, Helen fechou os olhos, o estômago se contraindo como se o chão houvesse acabado de desaparecer sob seus pés.

Ela sentiu um sopro de calor contra o lábio superior, tão suave que mal conseguiu perceber. Depois um toque no canto da boca, e então no lábio inferior, que terminou com uma sugestão de maior intensidade.

A mão livre dele deslizou por baixo do véu de Helen para segurá-la pela nuca delicada. A boca encontrou a dela em outra carícia breve e insinuante. Ele passou a ponta do polegar pelo lábio inferior dela, roçando a superfície macia. A abrasão da pele calosa intensificou a sensação, estimulando as terminações nervosas da boca. Helen se sentiu zozna, como se os pulmões não conseguissem inspirar ar suficiente.

Os lábios dele voltaram aos dela, e Helen esticou o corpo, louca para que ele a beijasse mais intensa e demoradamente, como fizera em seus sonhos. O Sr. Winterborne pareceu entender o que ela queria e estimulou-a a afastar os lábios um do outro. Estremecendo, Helen se abriu para o toque suave da língua dele, menta, calor e frio, enquanto ele começava a saboreá-la com uma fome lenta que disparou sensações por todo o corpo dela. Helen pas-

sou os braços ao redor do pescoço dele, deixando as mãos afundarem nos cabelos cheios e negros, os cachos se enrolando ao redor dos seus dedos. Sim, era daquilo que ela precisava, da boca do Sr. Winterborne capturando a dela, enquanto ele a abraçava como se ela nunca pudesse estar próxima o bastante, colada o suficiente nele.

Helen jamais imaginara que um homem a beijaria como se tentasse sugá-la, como se beijos fossem palavras destinadas a poemas, mel a ser recolhido com a língua. Ele segurou a cabeça dela entre as mãos, inclinou-a um pouco para trás e deixou os lábios correrem pela lateral do pescoço de Helen, provocando e saboreando a pele macia. Ela arquejou quando o Sr. Winterborne encontrou um lugar sensível e seus joelhos vacilaram até mal conseguirem suportar seu peso. Ele a puxou ainda mais para perto, a boca voltando a devorar a dela com avidez. Não havia mais pensamento, nenhum controle, nada a não ser o labirinto sensual da escuridão e do desejo, enquanto o Sr. Winterborne a beijava com uma intensidade tão cega e voraz que Helen quase conseguiu sentir a alma dele encontrando a dela.

Então ele parou. Em um movimento abrupto, o Sr. Winterborne afastou a boca e soltou os braços de Helen de sua nuca. A jovem protestou enquanto ele a afastava com mais força do que o necessário. Confusa, ela o observou ir até a janela. Embora o Sr. Winterborne estivesse se recuperando do acidente de trem com uma rapidez impressionante, ainda mancava um pouco ao caminhar. Ele se manteve de costas para ela e concentrou o olhar no distante oásis verde do Hyde Park. Quando ele apoiou o punho cerrado contra a moldura da janela, Helen viu que a mão tremia.

Depois de algum tempo, Rhys deixou escapar um suspiro entrecortado.

– Eu não deveria ter feito isso.

– Eu quis que fizesse.

Helen ruborizou diante da própria ousadia.

– Só... só queria que a primeira vez tivesse sido como essa – completou ela.

Rhys permaneceu em silêncio. Puxou o colarinho engomado da camisa com irritação.

Ao notar que toda a areia já escorrera, Helen foi até a escrivaninha e virou a ampulheta outra vez.

– Eu deveria ter me aberto mais com o senhor.

Ela observou o fluxo de areia medir cada segundo de anseio.

– Mas tenho dificuldade de dizer às pessoas o que penso e o que sinto. E fiquei preocupada com algo que Kathleen me disse, que o senhor só pensava em mim como... bem, como um prêmio a ser conquistado. Tive medo de que ela pudesse estar certa.

O Sr. Winterborne se virou e se encostou à parede, os braços cruzados no peito.

– Ela estava certa – disse ele, surpreendendo-a, enquanto um dos cantos de sua boca se erguia em um meio sorriso irônico. – Você é linda como um raio de luar, *cariad*, e não sou um homem de altos princípios. Sou um brutamontes do norte do País de Gales, com um gosto por coisas elegantes. Sim, você era um prêmio para mim. Sempre foi. Mas queria você por mais do que isso.

O prazer que Helen sentiu ao ouvir o elogio desapareceu quando ele terminou a última frase.

– Por que disse isso no passado? – perguntou, confusa. – O senhor... ainda me quer, não é?

– Não importa o que eu quero. Treinar jamais consentirá no casamento agora.

– Foi ele o primeiro a sugerir. Desde que eu deixe bem claro que quero *muito* me casar com o senhor, estou certa de que ele concordará.

Seguiu-se um longo momento de silêncio.

– Ninguém lhe contou, então.

Helen o encarou com uma expressão questionadora.

Winterborne enfiou as mãos nos bolsos.

– Eu me comportei muito mal no dia em que Kathleen foi me visitar. Depois que ela me disse que você não queria me ver de novo, eu...

Ele se interrompeu, os lábios cerrados.

– O que o senhor fez? – quis saber Helen, a testa franzida.

– Não importa. Treinar interrompeu quando apareceu para pegá-la. E eu e ele quase chegamos às vias de fato.

– Interrompeu o quê? O que o senhor fez?

Rhys desviou os olhos e contraiu o maxilar.

– Eu insultei Kathleen. Com uma proposta indecorosa.

Helen arregalou os olhos.

– Estava falando sério?

– É claro que não – retrucou ele, brusco. – Não encostei um dedo nela. Eu queria *você*. Não tenho interesse naquela pequena víbora, só estava furioso com ela por se intrometer.

Helen o encarou com uma expressão de reprovação.

– O senhor deve um pedido de desculpas a Kathleen.

– É ela quem me deve um pedido de desculpas – replicou ele. – Por me custar uma esposa.

Embora se sentisse tentada a apontar as falhas no argumento dele, Helen segurou a língua. Como fora criada em uma família conhecida pelos temperamentos difíceis e vontades obstinadas, conhecia a importância de escolher o momento certo de ajudar alguém a enxergar seus erros. Naquele momento, o Sr. Winterborne estava à mercê das próprias paixões. Não conseguiria admitir qualquer malfeito.

Mas ele de fato se comportara mal e, mesmo que Kathleen o perdoasse, era pouco provável que Devon fizesse o mesmo.

Devon estava loucamente apaixonado por Kathleen e, junto com esse sentimento, vinham todo o ciúme e a possessividade que eram a praga de gerações de Ravenels. Ainda que Devon fosse um pouco mais razoável do que os últimos condes, isso não adiantava muito. Qualquer homem que houvesse assustado ou ofendido Kathleen mereceria a eterna ira dele.

Então fora por isso que Devon retirara sua aprovação ao noivado tão prontamente. Porém o fato de nem ele nem Kathleen terem mencionado nada do que acontecera a Helen era irritante. Santo Deus, quanto tempo mais insistiriam em tratá-la feito criança?

– Poderíamos fugir – sugeriu ela, com relutância, porque a ideia não a atraía muito.

A expressão de Winterborne se tornou severa.

– Terei um casamento na igreja ou não terei nenhum. Se fugíssemos, ninguém jamais acreditaria que você foi comigo por vontade própria. De forma nenhuma permitirei que as pessoas digam que raptei minha noiva.

– Não há alternativa.

Seguiu-se um intervalo silencioso, tão cheio de augúrios que Helen sentiu os braços se arrepiarem sob as mangas do vestido.

– Há – afirmou ele.

O rosto dele se transformara: a expressão nos olhos era predatória. Calculista. Aquela, compreendeu Helen em um relance de intuição, era a

versão do Sr. Winterborne que as pessoas viam com medo e espanto, um pirata disfarçado de capitão da indústria.

– A alternativa – declarou ele – é eu levá-la para a cama.

CAPÍTULO 3

Em meio ao caos de seus pensamentos, Helen recuou até uma das estantes embutidas no canto do escritório.

– Não compreendo – disse ela, embora temesse ter compreendido.

Winterborne se aproximou dela devagar.

– Trenear não se oporá depois de descobrir que você foi desonrada.

– Eu preferia não ser desonrada.

A cada minuto, ela sentia mais dificuldade para respirar. O espartilho parecia apertá-la como garras.

– Mas quer se casar comigo – falou Winterborne, que a alcançou e pôs uma das mãos na estante, encurralando a jovem. – Não quer?

Em termos morais, fornicação era um pecado mortal. Em termos práticos, os riscos de ir para a cama com ele eram enormes.

Um pensamento horrível fez com que a cor desaparecesse do rosto dela. E se o Sr. Winterborne dormisse com ela e então se recusasse a se casar? E se ele fosse capaz de uma vingança desse nível, desonrando-a para depois abandoná-la? Nenhum cavalheiro jamais a pediria em casamento. Qualquer esperança de ter uma casa e uma família *só dela* seria perdida. Passaria a ser um peso para os parentes, condenada a uma vida de vergonha e dependência. Se engravidasse, ela e o filho seriam párias na sociedade. E, mesmo se não engravidasse, a desgraça dela ainda sabotaria as perspectivas de um bom casamento para as irmãs.

– Como posso confiar que o senhor faria a coisa certa depois? – perguntou.

A expressão de Winterborne ficou sombria.

– Pondo de lado as questões sobre o meu caráter, quanto tempo acha que Trenear me deixaria viver se eu tentasse algo assim? Antes que a noite caísse, ele já teria me caçado e me abatido como um cervo.

– Ele pode fazer isso de qualquer modo – ressaltou Helen, pessimista.

Winterborne ignorou o comentário.

– Eu nunca a abandonaria. Se a levasse para a cama, você seria minha aos olhos de Deus e dos homens, tão certo quanto se houvésemos feito votos com uma pedra.

– Uma pedra?

– É um ritual de casamento na minha região do País de Gales. Um homem e uma mulher trocam votos segurando uma pedra entre as mãos unidas. Depois da cerimônia, eles vão juntos jogar a pedra em um lago, e a própria terra se torna parte do juramento deles. Daí em diante, os dois estão ligados um ao outro por quanto tempo o mundo existir.

O olhar dele encontrou o dela.

– Dê o que eu peço e nunca mais desejará nada.

Ele a estava pressionando de novo. Helen sentiu o suor brotar da raiz de seus cabelos às solas dos pés.

– Preciso de tempo para pensar.

A determinação do Sr. Winterborne parecia se alimentar da perturbação dela.

– Eu lhe darei dinheiro e uma propriedade só sua. Um estábulo de puros-sangues. Um palácio e a cidade ao redor dele. Um sem-número de criados para se curvar a seus pés. Nenhum preço é alto demais. Tudo o que tem que fazer é vir para a minha cama.

Helen levou a mão às têmporas que latejavam, torcendo para que não fosse o início de outra enxaqueca.

– Não poderíamos apenas dizer que fui desonrada? Devon aceitaria minha palavra.

Winterborne já balançava a cabeça antes mesmo que ela terminasse a pergunta.

– Preciso de pagamento adiantado. É assim que se fecha um acordo.

– Não se trata de um acordo de negócios – protestou ela.

Ele permaneceu inflexível.

– Quero uma garantia, para o caso de você mudar de ideia antes do casamento.

– Eu não faria isso. Não confia em mim?

– Confio. Mas confiarei mais depois que dormirmos juntos.

O homem era *impossível*. Helen buscou outra solução, algum meio de

negociar com ele, mas podia senti-lo se tornando mais inflexível a cada segundo que passava.

– Isso tem a ver com seu orgulho – disse ela, indignada. – O senhor está magoado e furioso porque achou que eu o rejeitei, e agora quer me castigar, mesmo não tendo sido minha culpa.

– Castigar? – falou ele, erguendo as sobrancelhas em uma expressão irônica. – Há menos de cinco minutos, a senhorita estava muito entusiasmada com meus beijos.

– Sua proposta envolve bem mais do que beijos.

– Não é uma proposta – informou ele, em um tom determinado. – É um ultimato.

Helen o encarou incrédula.

A única escolha que tinha era recusar. Algum dia conheceria um homem adequado, que a família aprovaria. Um membro da aristocracia rural, afável, reservado e ligeiramente calvo. Que esperaria que Helen compartilhasse os desejos e opiniões dele. E a vida seria planejada à sua revelia, cada ano igual ao anterior.

Casar-se com Winterborne, por outro lado...

Ainda havia tanto que ela não compreendia sobre ele. O que se esperaria de uma mulher cujo marido era proprietário da maior loja de departamentos do mundo? Com que pessoas ela passaria a se relacionar, e que atividades encheriam seus dias? E o próprio Sr. Winterborne, que com frequência exibia a expressão de alguém que tivera mais do que uns poucos embates com o mundo e que não perdoara nada... como seria viver como esposa dele? A vida do Sr. Winterborne era tão grande que Helen conseguia se imaginar se perdendo nela.

Ao perceber que ele a examinava, atento a cada nuance de sua expressão, ela lhe deu as costas. Fileiras de livros a confrontaram, catálogos, manuais, livros contábeis. Mas, em uma prateleira mais abaixo, em meio a vários volumes utilitários, Helen viu o que pareceram títulos de botânica. Não entendeu direito, então os examinou com mais atenção.

Bromélias: breve tratado sobre a manutenção da estufa. *Orchidaceae Genera* e espécies. Catalogação de orquídeas conhecidas. Cultivo de orquídeas.

Aqueles livros não estavam no escritório dele por acaso.

O cultivo de orquídeas fora um grande interesse de Helen, um passatempo, desde que a mãe dela morrera, fazia cinco anos, deixando uma coleção

de aproximadamente duzentos vasos daquelas flores. Como mais ninguém da família mostrara inclinação para cuidar delas, Helen havia assumido a tarefa. Orquídeas eram plantas exigentes, complicadas, cada uma com o próprio temperamento. A princípio, Helen não encontrara prazer na responsabilidade que se impusera. Mas, com o tempo, se tornara devotada às orquídeas.

Já dissera a Kathleen que, às vezes, é preciso amar algo antes que ele se torne digno de amor.

Helen tocou a encadernação dourada dos livros com a ponta do dedo, hesitante, traçando o contorno de uma flor pintada à mão.

– Quando adquiriu esses livros? – perguntou.

A voz de Winterborne veio por detrás dela.

– Depois que me deu o vaso com a orquídea. Eu precisava saber como cuidar dela.

Algumas semanas antes, ele tinha ido jantar na Casa Ravenel e Helen, por impulso, lhe dera uma de suas orquídeas, uma azul rara, sua planta mais premiada e mais temperamental. Embora o Sr. Winterborne não tivesse demonstrado entusiasmo com o presente, havia agradecido a ela e levado a orquídea sem reclamar. Contudo, no momento em que o noivado deles fora rompido, ele mandara a orquídea de volta.

Para espanto de Helen, a planta extremamente sensível havia vicejado aos cuidados dele.

– O senhor mesmo cuidou dela, então – comentou Helen. – Fiquei curiosa.

– É claro que sim. Não tinha intenção de falhar no seu teste.

– Não foi um teste, foi um presente.

– Se está dizendo...

Irritada, Helen se virou para encará-lo.

– Eu pensei que fosse matar a orquídea, mas pretendia me casar com o senhor mesmo assim.

Ele franziu os lábios.

– Mas não matei.

Helen ficou em silêncio, tentando organizar os pensamentos e sentimentos antes de tomar a decisão mais difícil de sua vida. Mas era mesmo uma decisão tão complicada? O casamento era sempre um risco.

Uma mulher nunca sabia que tipo de marido um homem se tornaria.

Por uma última vez, Helen se permitiu considerar a opção de ir embo-

ra. Ela se imaginou saindo do escritório do Sr. Winterborne, entrando na carruagem da família e voltando para a Casa Ravenel em South Audley. E aquela história estaria terminada de vez. Seu futuro seria idêntico ao de qualquer jovem dama em sua posição. Participaria da temporada de eventos sociais em Londres, compareceria a bailes e jantares com pretendentes civilizados, e tudo isso levaria ao casamento com um homem que nunca a compreenderia tanto quanto ela o compreenderia. E ela faria o máximo possível para jamais olhar para trás, para aquele momento, para jamais se perguntar o que teria acontecido ou o que teria se tornado caso houvesse aceitado a proposta do Sr. Winterborne.

Helen se lembrou da conversa que tivera com a governanta, a Sra. Abbott, antes de partir naquela manhã. A Sra. Abbott, uma mulher de cabelos grisalhos, rechonchuda e asseada, que trabalhava havia quatro décadas para os Ravenels, fizera forte objeção ao saber que Helen pretendia sair à luz do dia sem uma acompanhante.

– O patrão vai nos matar! – exclamara ela.

– Direi a lorde Trenear que escapuli sem que ninguém soubesse – garante Helen. – E direi também que não dei outra opção ao cocheiro além de me levar até a Winterborne’s, pois ameacei ir a pé.

– Milady, nada vale um risco desses!

No entanto, depois que Helen explicara à Sra. Abbott que pretendia visitar Rhys Winterborne na esperança de reatar o noivado, a governanta parecera pensar melhor.

– Não posso culpá-la – admitira a governanta. – Um homem como aquele...

Helen a encarara com curiosidade ao perceber que o rosto da mulher havia se suavizado, que tinha uma expressão pensativa e sonhadora.

– A senhora, então, estima o Sr. Winterborne?

– Sim, milady. Ah, sei que ele é chamado de arrivista pelos que têm melhor posição social. Mas, para a Londres de verdade, para as centenas de milhares de pessoas que trabalham todo santo dia e se ajeitam o melhor que podem, o Sr. Winterborne é uma lenda. Ele alcançou o que a maior parte das pessoas não ousa sequer sonhar. Trabalhava na loja, e agora todos, da rainha ao mais humilde dos homens, todos conhecem seu nome. Ele dá motivo às pessoas para acreditarem que podem se erguer acima de suas circunstâncias – explicara, e dera um sorrisinho ao acrescentar: – E

ninguém pode negar que é um belo homem, bem-apessoado, por mais que seja moreno como um cigano. Qualquer mulher, de classe alta ou baixa, se sentiria tentada.

Helen não poderia negar que os atrativos pessoais do Sr. Winterborne estavam no alto de sua lista de considerações. Um homem em seu auge, que irradiava uma energia impressionante, uma espécie de vitalidade animal que ela considerava ao mesmo tempo assustadora e irresistível.

Contudo havia algo mais em relação a ele... um encanto mais poderoso do que qualquer outro. Acontecia nos raros momentos em que o Sr. Winterborne mostrava ternura por ela, quando parecia que o esconderijo de tristeza trancado no fundo do coração dela estava prestes a se abrir. Ele era a única pessoa que já havia se aproximado daquele lugar secreto – e que talvez, algum dia, conseguisse acabar com a solidão que Helen sempre guardara dentro de si.

Talvez se arrependesse caso viesse a se casar com o Sr. Winterborne. Mas certamente não tanto quanto se arrependeria caso não se arriscasse.

Quase por milagre, tudo se organizou na mente de Helen. Uma sensação de calma a dominou quando o caminho a seguir se tornou claro.

Ela respirou fundo e olhou para ele.

– Muito bem – disse. – Concordo com seu ultimato.

CAPÍTULO 4

Por vários segundos, Rhys não conseguiu responder. Ou Helen não havia compreendido o que estava dizendo ou ele não ouvira direito.

– Aqui e agora – esclareceu ele. – A senhorita vai me deixar... – disse Rhys, e precisou pensar em uma palavra decente –... tê-la como esposa.

– Sim – respondeu Helen com calma, surpreendendo-o mais uma vez.

O rosto dela estava muito pálido, a não ser pelo intenso rubor nas faces. Mas ela não parecia nem um pouco insegura. Falava sério.

Tinha que haver uma falha naquela ideia, alguma armadilha que só seria descoberta mais tarde, mas Rhys não conseguia pensar em qual poderia

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

Os HATHAWAYS

Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

Os RAVENELS

Um estranho irresistível
Uma noiva para Winterborne

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

